

Antropologia e Contra-Insurreição: A Estranha História desse Curioso Relacionamento

Dr. Montgomery McFate, JD

ALGO MISTERIOSO está acontecendo no Departamento de Defesa. Nos últimos dois anos, líderes do alto escalão têm procurado por algo incomum e inesperado: conhecimento cultural do adversário. Em julho de 2004, o General reformado Robert Scales escreveu um artigo na revista *Proceedings* da Academia de Guerra Naval, opondo-se à opinião comumente defendida dentro das Forças Armadas dos EUA de que a melhor forma de alcançar o sucesso na guerra é através da esmagadora vantagem tecnológica. Ao contrário, segundo o General Scales, o tipo de conflito que estamos testemunhando atualmente no Iraque exige “uma habilidade excepcional em compreender o povo, sua cultura e sua motivação”.¹ Em outubro de 2004, Arthur Cebrowski, diretor do Gabinete de Transformação de Força, concluiu num documento interno do Departamento de Defesa que “o conhecimento da cultura e da sociedade do inimigo talvez seja mais importante do que o conhecimento da sua ordem de batalha”.² Em novembro de 2004, o Departamento de Pesquisa Naval e o *DARPA* (*Defense Advanced Research Projects Agency*) patrocinaram uma conferência sobre Conhecimento Cultural do Adversário e Segurança Nacional, a primeira grande conferência de ciências sociais do Departamento de Defesa desde 1962.

Por que o conhecimento cultural tornou-se, repentinamente, tão importante para o Departamento de Defesa? O principal motivo é que os métodos norte-americanos de guerra tradicionais provaram ser inadequados tanto no Iraque quanto no Afeganistão. O adestramento, a tecnologia e a doutrina dos EUA não são desenvolvidos atualmente para operações de contra-insurreição de baixa intensidade, onde civis misturam-se livremente com combatentes em terrenos urbanos complexos. Em vez

disso, toda a nossa máquina de guerra foi desenvolvida para conter a ameaça soviética.

As principais operações de combate que derrubaram o regime de Saddam Hussein foram relativamente simples, pois exigiam o que as Forças Armadas dos EUA sabem fazer de melhor: manobras de guerra em terreno plano, utilizando poder de fogo esmagador com apoio aéreo. No entanto, desde o fim da fase “quente” da guerra, as forças da coalizão estão lutando numa guerra complexa contra um inimigo que eles não compreendem. A estrutura organizacional da insurreição não é militar, e sim tribal. Suas táticas não são convencionais, e sim assimétricas. Suas armas não são carros de combate e aviões de caça, e sim explosivos improvisados. Eles não respeitam a Convenção de Genebra, nem aparentam ter regras de engajamento.

O combate à insurreição no Iraque exige conhecimento cultural e social do adversário. Mesmo assim, nenhum dos elementos do poder nacional norte-americano — diplomático, militar, de inteligência ou econômico — leva em consideração a cultura do adversário, quer seja na formação ou na execução da política. Essa falha de conhecimento cultural tem uma causa simples: a quase total ausência da antropologia dentro do estabelecimento da segurança nacional.

Antigamente chamada de “servente do colonialismo”, a antropologia já teve um longo e frutífero relacionamento com vários elementos do poder nacional, o que terminou subitamente após a Guerra do Vietnã. A estranha história do nascimento da antropologia como uma disciplina de guerra e o seu repentino salto no abismo do pós-modernismo está entrelaçada com o fracasso norte-americano no Vietnã. A curiosa e visível falta de antropologia na arena da segurança nacional desde a

Guerra do Vietnã teve graves conseqüências à contenção da insurreição no Iraque, particularmente porque regras políticas e operações militares baseadas em conhecimento cultural parcial e incompleto normalmente são piores do que a falta total de conhecimento.

Uma Falta de Conhecimento Cultural

Num conflito entre adversários simétricos, onde ambos estão no mesmo nível e usam tecnologia similar, a compreensão da cultura do adversário torna-se irrelevante. A Guerra Fria, por toda a sua complexidade, opôs dois poderes de origem européia entre si. Numa operação de contra-insurreição contra um adversário não-ocidental, porém, cultura é relevante. A insurreição, definida no Manual de Campanha (*Field Manual — FM*) dos EUA (anteprojeto) 3-07.22 como um “movimento organizado que visa à derrubada do constituído governo através do uso de conflito subversivo e armado. É uma prolongada luta político-militar desenvolvida para enfraquecer o controle e a legitimidade governamentais, ao mesmo tempo em que aumenta o controle da insurreição. O poder político é o assunto central numa insurreição”.³ A ação militar deveria, portanto, ser circunscrita por considerações políticas como um assunto fundamental de estratégia. O Marechal de Campo britânico Gerald Templar explicou em 1953: “A resposta não está no envio de mais tropas às florestas, e sim nos corações e mentes do povo malai.”⁴ A conquista de corações e mentes requer uma compreensão da cultura local.

Exceptuando-se as Forças Especiais, a maioria dos soldados norte-americanos não é treinada para compreender nem operar em culturas e sociedades estrangeiras. Um capitão norte-americano no Iraque afirmou: “Eu nunca tive aulas de como me comportar ao sentar com um xeique... Ele está me dando o tradicional *dishdasha* e toda a roupa de xeique porque ele diz que eu sou um novo xeique na cidade, e por isso eu devo me vestir como tal. Eu não sei se ele está tentando se aproximar porque quer alguma coisa... ou se é algo bom ou ruim”.⁵ Na realidade, assim que as forças da coalizão derrubaram Saddam Hussein, eles se tornaram, de fato, participantes no sistema social iraquiano. Tendo apercebido se ou não, esse jovem capitão do Exército tornara-se, de fato, o novo xeique na cidade, e estava sendo honrado apropriadamente pelo seu anfitrião iraquiano.

Como indica o exemplo acima, as forças norte-americanas não sabem freqüentemente quem são os seus amigos, da mesma forma que não sabem quem são os seus inimigos. Um comandante egresso da 3ª Divisão de Infantaria observou: “Eu tinha um perfeito conhecimento da situação. O que eu carecia era de conhecimento cultural. Eu sabia onde cada carro de combate inimigo estava

escondido nos arredores de Tallil. O único problema era que os meus soldados tinham que lutar contra fanáticos que atacavam a pé ou em caminhonetes e usavam fuzis de assalto *AK-47* e lança-rojões. Máxima inteligência técnica. Inimigo errado”.⁶

Embora as conseqüências da falta de conhecimento cultural possam ser aparentes (ou até fatais) numa contra-insurreição, o fracasso em compreender culturas estrangeiras tem sido um importante fator de contribuição em diversas falhas em segurança nacional e inteligência. Em seu estudo *Pearl Harbor: Warning and Decision* (Pearl Harbor: Alerta e Decisão) de 1962, Roberta Wohlstetter demonstrou que embora o governo norte-americano tenha captado os sinais japoneses (inclusive conversas,

Por que o conhecimento cultural tornou-se, repentinamente, tão importante para o Departamento de Defesa? O principal motivo é que os métodos norte-americanos de guerra tradicionais provaram ser inadequados tanto no Iraque quanto no Afeganistão. O adestramento, a tecnologia e a doutrina dos EUA não são desenvolvidos atualmente para operações de contra-insurreição de baixa intensidade, onde civis misturam-se livremente com combatentes em terrenos urbanos complexos.

mensagens decodificadas e movimentações de navios), ele falhou em distinguir a diferença entre sinais e interferência, em compreender quais sinais tinham significância, pois era inimaginável que os japoneses poderiam fazer algo tão “irracional” como atacar a sede da frota no pacífico dos EUA.⁷

Esse tipo de etnocentrismo (a incapacidade de pôr de lado atitudes culturais próprias de um povo e imaginar o mundo pela perspectiva de um diferente grupo) é especialmente perigoso num contexto de segurança nacional, porque pode distorcer o pensamento estratégico, levando à suposição de que o adversário comportar-se-á exatamente como nós. Os testes nucleares indianos em 11 e 13 de maio de 1998 foram uma surpresa para Washington por causa desse tipo de “imagem espelho” entre os analistas da CIA. Segundo a investigação interna realizada pelo antigo Chefe do Estado-Maior Combinado, David Jeremiah, o problema estava na suposição dos analistas de inteligência e dos formuladores de política de que os indianos não testariam suas armas nucleares porque os norte-americanos, em circunstâncias similares, não testá-las-iam. Segundo Jeremiah, “ambas as comunidades de inteligência e política tinham uma opinião básica sobre

esses testes de que o Partido Bharatiya Janata comportar-se-ia como nós nos comportamos”.⁸

Os Estados Unidos sofrem com a falta de conhecimento cultural no estabelecimento de sua segurança nacional por duas razões principais e inter-relacionadas. A primeira é que a antropologia está ampla e visivelmente ausente como disciplina em segurança nacional e, especialmente, na Comunidade de Inteligência ou no Departamento de Defesa. A antropologia é uma disciplina de ciências sociais cujo objetivo de estudo principal tem sido tradicionalmente sociedades não-ocidentais e tribais. As metodologias de antropologia incluem observação participativa, trabalho de campo e pesquisa histórica.

Embora as conseqüências da falta de conhecimento cultural possam ser aparentes (ou até fatais) numa contra-insurreição, o fracasso em compreender culturas estrangeiras tem sido um importante fator de contribuição em diversas falhas em segurança nacional e inteligência.

Um dos princípios básicos fundamentais do conhecimento central da antropologia é o relativismo cultural, ou a compreensão de outras sociedades em suas próprias estruturas.

A função principal da antropologia tem sido traduzir o conhecimento para o Ocidente. Embora pareça evidente que tal perspectiva seria benéfica ao estabelecimento da segurança nacional, atualmente, apenas uma das universidades de defesa nacional (que oferecem mestrados aos militares) tem um antropólogo em seu corpo docente. Em *West Point*, onde todos os cadetes devem especializar-se em engenharia, a antropologia é depreciativamente referida como “louca e primitiva”. Embora a ciência política seja bem representada como disciplina em círculos experientes de formuladores de decisões, nunca houve um antropólogo no Conselho de Segurança Nacional.

A segunda razão para a atual falta de conhecimento cultural é um resultado direto do fracasso das Forças Armadas dos EUA em alcançar qualquer coisa semelhante à vitória na Guerra do Vietnã. Após esta guerra, os membros do Estado-Maior Combinado coletivamente penaram e determinaram que nunca mais travariam uma guerra não convencional.⁹ Partindo de uma perspectiva puramente militar, era mais fácil concentrar-se na ameaça dos CCs soviéticos T-51 que passavam pelo Passo Fulda, provocando uma guerra terrestre de grande escala na Europa – uma guerra que poderia ter sidotravada usando doutrina e tecnologia existentes e a qual teria um claro e vitorioso vencedor.

A preferência pelo uso de força esmagadora e objetivos

de campanha claros foi formalizada no que ficou conhecido como a Doutrina de Weinberger. Num discurso em 1984, o Secretário de Estado Caspar Weinberger articulou seis princípios desenvolvidos para assegurar que a nação nunca mais se envolvesse em outro Vietnã. Em meados dos anos oitenta, havia motivo para preocupação: o desdobramento de tropas para El Salvador parecia provável e o envolvimento no Líbano se provava desastroso após o bombardeio de instalações dos Fuzileiros Navais dos EUA em Beirute. Respondendo a esses eventos, Weinberger acreditava que as tropas deveriam comprometer-se apenas se os interesses nacionais norte-americanos estivessem em jogo, somente para apoiar objetivos políticos e militares claramente definidos, e apenas “com a clara intenção de vencer”.¹⁰

Em 1994, o Chefe da do Estado-Maior Conjunto, Colin Powell (ex-assessor militar do Secretário Weinberger), rearticulou os elementos fundamentais da doutrina de Weinberger e pôs forte ênfase à idéia de que força, quando usada, deveria ser esmagadora e desproporcional à força usada pelo inimigo.¹¹ A Doutrina Powell-Weinberger institucionalizou uma preferência por “operações de combates principais” – grandes guerras – como preferência nacional.¹² Embora a Doutrina Powell-Weinberger tenha se desgastado no governo Clinton durante “outras operações de não guerra” no Haiti, na Somália e na Bósnia, e novamente durante o governo de Bush, com os ataques preventivos no Afeganistão e no Iraque, nenhuma doutrina alternativa surgiu para ocupar o seu lugar.

Não existe doutrina para “construção de nação”, o que os militares evitam considerar uma missão, uma vez que esse assunto não é tratado pelo Título 10 do Código dos EUA, que traça as missões dos militares, como um elemento do poder nacional.¹³ O Manual de Campanha 3-07, o qual trata de Operações de Estabilidade e Apoio, só foi finalizado em fevereiro de 2003, a despeito de as Forças Armadas dos EUA já haverem travado operações de estabilidade e apoio no Iraque. Embora o Manual de Campanha 3-07.22, que trata da contra-insurreição, tenha sido publicado em outubro de 2004, ele era para ser um documento temporário e ainda é direcionado ao combate a um inimigo engajado na guerra revolucionária maoísta, um modelo de insurreição que não se aplica muito à situação no Iraque, onde diversas organizações concorrentes competem por diversos objetivos confusos.

Desde 1923, o princípio básico fundamental da estratégia de guerra norte-americana tem sido que a esmagadora força desdobrada contra um Estado igualmente poderoso resultará em vitória militar.¹⁴ Mesmo assim, numa situação de contra-insurreição como a que os Estados Unidos enfrentam atualmente no Iraque, a “vitória” através de força esmagadora freqüentemente não se aplica como conceito, e é problemática como um objetivo. Enquanto negociava em Hanói, alguns dias antes da queda de



Departamento de Defesa

Usando um chapéu civil encontrado ao longo da jornada, um soldado americano diverte civis franceses, tentando fazer-se entender com o auxílio de um dicionário. 19 de agosto de 1944

Saigon, o Coronel do Exército dos EUA Harry Summers Jr. disse a um coronel norte-vietnamita: “Você sabe, vocês nunca nos derrotaram no campo de batalha”. O coronel vietnamita respondeu: “Talvez seja verdade, mas também é irrelevante”.¹⁵ O mesmo poderia ter sido dito a respeito do conflito no Iraque.

A vitória no campo de batalha é irrelevante contra um adversário insurgente, pois a luta por poder e legitimidade entre as facções concorrentes não tem uma solução puramente militar. Frequentemente, o uso de força esmagadora tem o efeito negativo não intencional de fortalecer a insurreição ao criar mártires, aumentar o recrutamento e demonstrar a “brutalidade” das forças estatais. A abordagem alternativa para combater a insurreição, tal como a que os britânicos adotaram através de tentativas e erros na Irlanda do Norte, envolve um plano abrangente para amenizar as condições políticas que geraram a insurreição; cooperação civil-militar; a aplicação de força mínima; profunda inteligência e uma aceitação da natureza prolongada do conflito.¹⁶ Inerente à abordagem britânica está o profundo conhecimento cultural do adversário.

Embora o conhecimento cultural do adversário seja importante na contra-insurreição, tem pouca importância em operações de combate maiores. Desde que a doutrina Powell-Weinberger estabeleceu que guerra convencional de grande-escala era o único tipo de conflito aceitável,

não houve necessidade discernível, presente ou futura, de desenvolver doutrina e especialização em guerra não-convencional, incluindo a contra-insurreição. Assim, não houve a necessidade de incorporar o conhecimento cultural em doutrina, treinamento ou combate. Quer dizer, até agora.

Em 21 de outubro de 2003, o Comitê de Serviços Armados do Congresso realizou uma audiência para examinar as lições tiradas da Operação *Iraqi Freedom*. O depoimento do General Scales na audiência inspirou o deputado Ike Skelton a escrever uma carta ao Secretário de Defesa Rumsfeld: “Se tivéssemos um melhor conhecimento da cultura e da mentalidade iraquianas, nossos planos de guerra teriam sido melhores do que foram; o plano para o período do pós-guerra e seus desafios teria sido bem melhor, e nós poderíamos estar mais bem preparados para a ‘longa e árdua tarefa’ de obter a paz no Iraque”.¹⁷ Até mesmo ilustres personalidades do Departamento de Defesa, como Andrew Marshall, o misterioso diretor do *Office of Net Assessment* do Pentágono, estão agora procurando por um “conhecimento antropológico sobre uma grande gama de culturas”, o que será essencial para a condução de operações futuras.¹⁸ Embora funcionários do alto escalão do governo dos EUA, como o deputado Skelton, estejam ativamente procurando por “funcionários em nossos postos civis que tenham conhecimento e entendimento culturais para informar

sobre processo político”, há poucos antropólogos que estejam disponíveis ou que queiram dividir o espaço com os militares.

O Estado Atual da Disciplina

A antropologia, embora seja a única disciplina acadêmica que procura compreender culturas e sociedades estrangeiras, é atualmente, na melhor das hipóteses, uma colaboradora marginal das políticas de segurança nacional norte-americanas. Nos últimos trinta anos, a disciplina tornou-se hermeticamente fechada dentro de sua torre de marfim, como resultado das escolhas individuais de carreiras de antropólogos e das tendências em direção à autocrítica reflexiva contida na disciplina.

Ao contrário das ciências políticas ou econômicas, a

A função principal da antropologia tem sido traduzir o conhecimento para o Ocidente. Embora pareça evidente que tal perspectiva seria benéfica ao estabelecimento da segurança nacional, atualmente, apenas uma das universidades de defesa nacional (que oferecem mestrados aos militares) tem um antropólogo em seu corpo docente.

antropologia é acima de tudo uma disciplina acadêmica, o que significa que a grande maioria dos novos doutores em antropologia compete fortemente por um número limitado de posições mal remuneradas nos corpos docentes das universidades. Embora haja uma crescente demanda da indústria por antropólogos que os aconselhem em projetos de produtos, comercialização e cultura organizacional, ainda existe uma visível preferência entre os antropólogos pelo estudo do “exótico e inútil” nas palavras de A. L. Kroeber.¹⁹

O retraimento para torre de marfim é também produto das profundas tendências isolacionistas na disciplina. Após a guerra do Vietnã, virou moda entre os antropólogos a rejeição dos laços históricos dessa disciplina com o colonialismo. Começando com o artigo em 1968, de Kathleen Gough, *Anthropology: Child of Imperialism* (Antropologia: Filha do Imperialismo), seguido da antropologia, em 1972, de Dell Hymes: *Reinventing Anthropology* (Reinventando a Antropologia) e culminando com Talal Asad, em 1973, *Anthropology and The Colonial Encounter* (Antropologia e o Encontro Colonial), os antropólogos reinventaram a sua disciplina.²⁰

Rejeitando a qualidade de “servente do colonialismo”, antropólogos recusaram-se a “colaborar” com os poderosos, mas competiram para representar os interesses dos povos nativos envolvidos em batalhas neocoloniais. Para Gayatri Spivak, antropólogos agora fariam ao “subal-

terno”.²¹ Dessa forma, teve início um interrogatório sistemático do estado contemporâneo em que se encontrava essa disciplina, assim como as circunstâncias coloniais das quais surgiu. Armada com hermenêutica crítica, frequentemente apoiada pelo neomarxismo auto-reflexivo, a antropologia deu início a um processo agressivo de autoflagelação, a um grau quase que inimaginável para qualquer leigo.

A tendência em direção à autoflagelação tem sido exacerbada, por sua vez, em relação ao pós-modernismo dentro da antropologia, com o objetivo central sendo “a destruição de narrativas mestres centralizadas e logocêntricas da cultura européia”.²² Esse movimento, longe da etnografia descritiva, resultou em algumas das piores obras imagináveis. Por exemplo, a revista *Cultural Anthropology* (Antropologia Cultural), uma das mais respeitadas revistas de antropologia nos Estados Unidos, comumente publica alguns artigos incompreensíveis, tais como “Recovering True Selves in The Electro-Spiritual Field of Universal Love” (Resgatando os Egos Verdadeiros no Campo Eletro-espiritual de Amor Universal) e “Material Consumers, Fabricating Subjects: Perplexity, Global Connectivity Discourses, and Transnational Feminist Research” (Consumidores Materiais, Fabricando Assuntos: Perplexidade, Discursos Globais de Conectividade e Pesquisa Transnacional Feminista).²³ Um antropólogo chamado Stephen Tyler recentemente ficou em quarto lugar no Concurso de Má Escrita²⁴ com a seleção de *Writing Culture* (Escrevendo Cultura), uma notável passagem que descreve etnografia pós-moderna: “Assim torna-se relativo o discurso não apenas para formar — aquela perversão familiar do modernista; nem com intenção autoral — aquela presunção dos românticos; nem para um mundo fundamental além do discurso — aquela avidez desesperada por uma realidade separada do místico e do cientista; nem mesmo para história e ideologia — aqueles refúgios dos hermeneutas; nem mesmo para a língua — aquela abstração hipostatizada do linguísta; nem mesmo, finalmente, para o discurso — aquele pátio nietzscheano de significados isolados do mundo do estruturalista e do gramatólogo, porém para todos ou nenhum desses, por isso é anárquico, não por causa da anarquia, mas por recusar a se tornar um fetiche entre objetos — para ser desmantelado, comparado, classificado e neutralizado naquela paródia de escrutínio científico conhecida como criticismo”.²⁵

O Período Colonial

Da discussão antes mencionada, torna-se tentador concluir que a antropologia está ausente na arena política por ser realmente “exótica e inútil”. No entanto, o cenário não foi sempre assim. Frequentemente chamada de “servente do colonialismo”, a antropologia evoluiu como uma ferramenta intelectual para consolidar o poder



Departamento de Defesa

O 1º Tenente Pablo V. Bacciarra, guerrilheiro filipino, se apresenta ao Coronel William J. Verbeck, durante o início da Campanha Leyte Island.

imperial nas margens do império. Na Grã-Bretanha, o desenvolvimento e crescimento da antropologia estavam fortemente ligados à administração colonial. Em 1908, antropólogos começaram a treinar administradores do serviço civil do Sudão.²⁶ Esse relacionamento foi rapidamente institucionalizado: em 1921, o Instituto Internacional de Culturas e Línguas Africanas foi fundado com o financiamento de diversos governos coloniais, e Lorde Lugard, antigo governante da Nigéria, tornou-se o chefe do conselho executivo. A missão desse instituto foi baseada no artigo de Bronislaw Malinowski *Practical Anthropology* (Antropologia Prática), o qual afirmava que o conhecimento antropológico deveria ser aplicado para solucionar os problemas enfrentados por administradores coloniais, incluindo os considerados “economia, costumes, instituições e leis primitivas”.²⁷ De fato, o conhecimento antropológico era freqüentemente útil, especialmente para compreender a dinâmica de poder nas sociedades tradicionais. Em 1937, por exemplo, o Comitê Permanente do Instituto Real Antropológico, em *Applied Anthropology* (Antropologia Aplicada), observou que a pesquisa antropológica “indicaria pessoas que possuíssem posições-chave na comunidade e cuja influência seria importante atrair para as reformas projetadas”.²⁸ De fato, os antropólogos foram “de grande valia ao fornecer para o governo o conhecimento, que deve ser a base da política administrativa” (nas palavras do Lorde Hailey).²⁹

A antropologia, como ferramenta do império, porém, não poderia ficar sem os seus detratores. Nas palavras

de Sir Philip Michell, escrito em 1951: “antropólogos ocuparam-se... sobre todas as minúcias de julgamento obscuro e práticas pessoais, principalmente se fossem favoravelmente associados ao sexo ou temperados com obscenidade. Isso resultou num grande número de registros meticulosos e muitas vezes precisos de hábitos e práticas interessantes, de tal extensão que ninguém tinha tempo de lê-los e, com freqüência, eram irrelevantes...”.³⁰

O Período da I Guerra Mundial

Após o término da era clássica do império, antropólogos e arqueólogos tornaram-se figuras-chave no novo jogo na cidade — espionagem. Os seus hábitos de vagarem por áreas remotas e habilidades de observação provaram ser bastante úteis ao governo. Embora alguns antropólogos tenham trabalhado como espões durante a I GM (incluindo Arthur Carpenter, Thomas Gann, John Held, Samuel Lothrop e Herbert Spinden), o mais famoso deles era o arqueólogo treinado em Harvard, Sylvanus Morley. Morley escreveu diversos textos clássicos arqueológicos, incluindo *The Ancient Maya* (O Antigo Maia) (1946) e *An Introduction to the Study of Maya Hieroglyphs* (Introdução ao Estudo de Hieróglifos Maias) (1915). Ele descobriu a antiga cidade de Naachtun, e inspecionou a reconstrução de Chichén Itzá, ao mesmo tempo em que servia como chefe do Programa Arqueológico Carnegie, de 1914 a 1929. Morley não era apenas um dos mais respeitados arqueólogos do século XX, mas também o

“melhor agente secreto que os Estados Unidos já produzira durante a I Guerra Mundial”, segundo os autores de *The Archaeologist Was a Spy: Sylvanus G. Morley and the Office of Naval Intelligence* (O Arqueólogo era um Espião: Sylvanus G. Morley e o Departamento de Inteligência Naval).³¹ O Departamento de Inteligência Naval descobriu Morley em 1916, quando houve relatos que agentes alemães estavam estabelecendo uma base na América Central para guerra de submarino. Morley usou o trabalho de campo arqueológico como disfarce para atravessar 3.200 quilômetros de remota costa centro-americana, resistindo a “carrapatos, mosquitos, pulgas, moscas, feridas causadas pela sela, enjôos, comida ruim e às vezes comida nenhuma, camas duras, hospedarias

Contratados pelo Departamento de Pesquisa Naval dos EUA, antropólogos desenvolveram técnicas de avaliação de artefatos culturais, tais como depoimento de imigrantes e refugiados, artes e relatos de viajantes, a fim de construir uma visão geral de uma determinada cultura

de baixa categoria e até mesmo terremotos”. Apesar de Morley e sua companhia não terem encontrado a suposta base submarina alemã, produziram aproximadamente dez mil páginas de relatórios de inteligência que documentavam tudo, desde as características do litoral navegável até o impacto econômico da produção de sisal.

As atividades de Morley não foram bem respeitadas por muitos antropólogos. Em 20 de dezembro de 1919, Franz Boas, o antropólogo mais bem conhecido na América, publicou uma carta em *The Nation* (A Nação), informando que Morley e outros (embora não tenham sido citados diretamente) “degradaram a ciência ao usarem-na como disfarce para as suas atividades como espões. Um soldado cuja ofício é a matança como uma fina arte... aceita o código de moralidade com o qual a sociedade moderna ainda se conforma. Mas não o cientista. A mais pura essência de sua vida é o serviço da verdade...”.³²

Nascido alemão e judeu, Boas era um pacifista inflexível e franco crítico da guerra, escrevendo diversos editoriais e artigos de jornal que expressavam a sua opinião de que a I GM era uma guerra de agressão imperialista. Ironicamente, muitos dos alunos de Boas, incluindo Margaret Mead e Ruth Benedict, trabalharam para os militares em funções que Boas teria, sem dúvida, questionado.

Por causa de suas alegações públicas contra os antropólogos anônimos, a Associação Antropológica Americana (American Association of Anthropologists) censurou Boas em 1919. As críticas a Morley pelos seus

colegas por suas atividades de espionagem e o resultante tumulto dentro da Associação Americana de Antropologia (AAA) prenunciou o ressurgimento do tema sobre o apoio antropológico secreto ao governo norte-americano nos anos 60.

O Período da II Guerra Mundial

Durante a II Guerra Mundial, o papel dos antropólogos na arena de segurança nacional foi amplamente expandido. Vários antropólogos serviram no Departamento de Serviços Estratégicos, predecessor institucional da CIA e das Forças Especiais. Os antropólogos serviam como pesquisadores e agentes secretos. Carleton Coon, um professor de antropologia em Harvard, treinou grupos marroquinos de resistência em sabotagem, lutou na batalha de Kasserine Pass e contrabandeou armas a grupos franceses de resistência na região do Marrocos ocupada pelos alemães. O seu livro sobre a vida no Departamento de Serviços Estratégicos, *A North Africa Story: The Anthropologist as OSS Agent* (Uma História da África do Norte: O Antropólogo como Agente do Departamento de Serviços Estratégicos), também contém um divertido relato do desenvolvimento de um explosivo improvisado em formato de esterco de burro.³³

Outros antropólogos também participaram diretamente de ações: o etnologista britânico Tom Harrison saltou de pára-quedas em Bornéu a fim de treinar os guerrilheiros nativos para lutarem contra os japoneses.³⁴ Cora Du Bois serviu como Diretora da Seção da Indonésia no Setor de Pesquisa e Análises do Departamento de Serviços Estratégicos. Em 1944, ela se tornou chefe do Comando do Sudeste Asiático no antigo Ceilão (atual Sri Lanka), onde comandou movimentos de resistência em países do Sudeste Asiático sob ocupação japonesa, recebendo o Prêmio de Serviço Civil Excepcional em 1945 pelo seu trabalho com o movimento clandestino Free Thai.³⁵

Talvez o mais famoso dos antropólogos que serviram no Departamento de Serviços Estratégicos tenha sido Gregory Bateson. Bateson, um cidadão britânico, passou muitos anos conduzindo pesquisa etnográfica em Nova Guiné, cujos resultados foram publicados em 1936 como *Naven*.³⁶ No início da II GM, após não conseguir uma posição no Departamento de Guerra Britânico, Bateson retornou aos Estados Unidos e foi recrutado pelo Departamento de Serviços Estratégicos. Enquanto esteve no Departamento de Serviços Estratégicos, Bateson serviu como membro civil da unidade de inteligência avançada na cadeia montanhosa de Arakan, em Burma. Além da análise de inteligência, ele desenvolveu e produziu transmissões de rádio com “propaganda negra” que tinham a finalidade de enfraquecer a propaganda japonesa no teatro do Pacífico. Bateson achou o trabalho com propaganda negra repugnante, acreditando que, em propaganda, “a verdade — e principalmente a verdade desagradável



Departamento de Defesa

Oficiais norte-americanos e vietnamitas tomam uma bebida preparada pela tribo vietnamita Montagnards, durante uma cerimônia de compromisso de lealdade realizada na Província de Darlac no Vietnã.

— é saudável”.³⁷ Apesar de suas apreensões contra a propaganda desonesta, Bateson foi um agente secreto competente e esforçado. Em 1945, ele se ofereceu voluntariamente a penetrar em território inimigo na tentativa de resgatar três agentes do Departamento de Serviços Estratégicos que haviam escapado de seus captores japoneses. Por este serviço, Bateson foi premiado com a Fita do Serviço de Campanha do Pacífico.³⁸

Bateson possuía notável visão estratégica a respeito do impacto da nova tecnologia em guerra. Enquanto esteve na área do Pacífico, Bateson escreveu ao legendário diretor do Departamento de Serviços Estratégicos, “Wild Bill” Donovan, que a existência da bomba nuclear mudaria a natureza do conflito, obrigando as nações a se engajarem em métodos indiretos de guerra. Bateson recomendou a Donovan que os Estados Unidos não contassem com forças convencionais para defesa, mas que uma terceira agência fosse estabelecida para empregar operações clandestinas, controles econômicos e pressões psicológicas na nova guerra.³⁹ Certamente essa organização é hoje conhecida como Agência Central de Inteligência (CIA).

Mais tarde em sua carreira, Bateson talvez estivesse envolvido em algumas iniciativas experimentais de controle da mente, incluindo a Operação MK-Ultra da CIA, a qual conduziu pesquisa de controle da mente.⁴⁰

Acredita-se que Bateson “ligou” o poeta Allen Ginsberg em LSD no Instituto de Pesquisa Mental, onde Bateson trabalhava nos casos de esquizofrenia.⁴¹

Entre os antropólogos, Gregory Bateson normalmente não é lembrado por suas atividades no Departamento de Serviços Estratégicos, e sim como o marido de Margaret Mead. Em 1932, Gregory Bateson conheceu Margaret Mead na remota área de Sepik River, em Nova Guiné. Após conduzirem um trabalho de campo juntos em Nova Guiné, Bateson e Mead co-produziram filmes etnográficos e foto-documentação da kinésica balinesa.⁴²

Como o marido, Mead também esteve envolvida nos esforços de guerra. Além de produzir panfletos para o Departamento de Informações de Guerra, Mead produziu um estudo para o Conselho Nacional de Pesquisa sobre os hábitos alimentares culturais de pessoas de diferentes antecedentes nacionais nos Estados Unidos e a distribuição de alimentos como um método de manter o moral durante o tempo de guerra.⁴³ Junto com Gregory Bateson e Geoffrey Gorer, Mead ajudou o Departamento de Serviços Estratégicos a estabelecer uma unidade psicológica de treinamento de guerra para o Extremo Oriente.⁴⁴

Como Bateson, Margaret Mead tinha reservas em relação ao uso da propaganda enganosa, acreditando que tais métodos tinham “terríveis possibilidades sofrerem contra-ataques”.⁴⁵ A maior preocupação de Mead, porém,

era a “grande quantidade de ressentimento” contra o uso de critérios antropológicos durante a guerra. Ela observou que o uso de antropólogos para assessorar assessores é ineficaz; para se obter um impacto útil, antropólogos devem trabalhar diretamente com os formuladores de políticas.⁴⁶

Em 1942, Mead publicou *And Keep Your Powder Dry* (Mantenha Seca a Sua Pólvora), um livro sobre a cultura militar americana. Segundo Mead, os americanos vêem a agressão como uma resposta, não como um comportamento inicial; usam a violência com finalidades altruístas e nunca com finalidades egoístas; vêem conflitos organizados como uma tarefa finita a ser cumprida.

Muitas das operações de contra-insurreição de Lansdale nas Filipinas podem ser descritas como antropologia militar aplicada. Por exemplo, nos anos 50, como parte da sua campanha de contra-insurreição, ao combater os rebeldes Huk das Filipinas, Lansdale começou conduzindo uma pesquisa sobre superstições locais, o que ele explorou em uma guerra psicológica

Uma vez terminada a tarefa, os americanos vão embora, e caminham para a próxima missão.⁴⁷ Como ressaltado por William O. Beeman, as observações de Mead sobre o caráter da estratégia nacional americana parecem corroboradas pela caracterização da administração atual do conflito no Iraque: uma guerra defensiva, provocada pela ameaça iminente de armas de destruição em massa prontas para o uso imediato, que foi empregado por razões altruístas, tais como “trazer a democracia ao Iraque” e a qual seria curta e de âmbito limitado.⁴⁸

Em 1943, a amiga e colaboradora de longa data de Margaret Mead, Ruth Benedict, tornou-se chefe (e inicialmente o único membro) da seção de Análises Básicas da Agência de Inteligência no Exterior do Departamento de Informações de Guerra, posição esta que ela procurou usar “para conseguir que os formuladores de políticas levassem em consideração diferentes hábitos e costumes de outras partes do mundo”.⁴⁹ Enquanto esteve no Departamento de Informações de Guerra, Benedict foi também co-autora de um panfleto do governo intitulado *The Races of Mankind* (As Raças da Humanidade), que refutava as pseudoteorias nazistas da superioridade racial ariana. Deputados conservadores atacaram-no como propaganda comunista, e a publicidade que o cercou levou a venda de 750.000 cópias, a tradução em sete línguas e a produção de uma versão musical na cidade de Nova Iorque.⁵⁰

Benedict também realizou pesquisa sobre a personalidade e a cultura japonesas, cujo impacto não pode ser

exagerado. Quase no fim da guerra, líderes militares do alto escalão e o Presidente Roosevelt estavam convencidos de que os japoneses eram “culturalmente incapazes de se renderem” e lutariam até o último soldado. Benedict e outros antropólogos do Departamento de Informações de Guerra foram, então, requisitados a estudar a visão do Imperador na sociedade japonesa. Os documentos convenceram o Presidente Roosevelt a deixar o Imperador fora das condições de rendição (em vez da rendição incondicional exigida aos ditadores Hitler e Mussolini).⁵¹ Grande parte das pesquisas de Benedict para o Departamento de Informações de Guerra foi publicada em 1946 como *The Chrysanthemum and the Sword* (O Crisântemo e a Espada), considerado por muitos como uma etnografia clássica da cultura militar japonesa – apesar de Benedict nunca ter visitado o país.⁵²

Por ser o trabalho de campo no sentido tradicional impossível durante época de guerra, a cultura tinha que ser estudada à distância. A contribuição teórica dos antropólogos da II GM à disciplina é comumente conhecida como “cultura à distância”. Após a II GM, Margaret Mead, Ruth Benedict e outros estabeleceram um programa de pesquisa na Columbia University, de 1947 a 1952. Contratados pelo Departamento de Pesquisa Naval dos EUA, antropólogos desenvolveram técnicas de avaliação de artefatos culturais, tais como depoimento de imigrantes e refugiados, artes e relatos de viajantes, a fim de construir uma visão geral de uma determinada cultura.⁵³

A maioria das culturas em estudos à distância estava enraizada nas premissas da psicologia desenvolvente. O chamado caráter nacional de qualquer grupo de pessoas poderia ser adotado para os povos comuns em processos de desenvolvimento psicológico. Apesar de algumas de suas conclusões, atualmente, parecerem ridículas — por exemplo, a “hipótese infantil” de Geoffrey Gorer para explicar as oscilações bipolares na cultura russa, da repressão emocional para a embriagues agressiva⁵⁴ — outros resultados de pesquisas foram não apenas precisos, mas também úteis num contexto militar.⁵⁵

As Pequenas Guerras

Em janeiro de 1961, John F. Kennedy reuniu-se com o seu assessor de segurança nacional, Walt Whitman Rostow, para discutirem diversas ameaças à segurança nacional. Referindo-se à questão do Vietnã, Kennedy disse para Rostow: “Esta é a pior que nós já tivemos. Eisenhower nunca havia mencionado. Ele falou detalhadamente sobre Laos, mas nunca preferiu a palavra Vietnã”. Essa discussão (e a aprovação de Kennedy do “Plano Contra-insurreição” para o Vietnã dez dias após assumir o poder) foi inspirada por um relatório sobre a situação no Vietnã escrito pelo General Edward Lansdale,⁵⁶ o qual acredita-se ter sido o modelo para o personagem Alden



Departamento de Defesa

Graduados das Forças Especiais dos EUA conduzem treinamento médico de campanha com o pessoal da unidade colombiana contra-droga, por volta de 2000.

Pyle em *The Quiet American* (O Americano Silencioso) de Graham Greene.⁵⁷ Ex-executivo de publicidade, Edward G. Lansdale (1908-1987) evitou, praticamente sem ajuda, uma tomada de poder comunista nas Filipinas. Lansdale também ajudou a instalar o governo do presidente Ngo Dinh Diem no Vietnã do Sul, apoiado pelos EUA. Posteriormente, Lansdale comandou a Operação *Mongoose*, conspiração secreta para derrubar o governo de Fidel Castro da maneira que fosse necessária.⁵⁸

Muitas das operações de contra-insurreição de Lansdale nas Filipinas podem ser descritas como antropologia militar aplicada. Por exemplo, nos anos 50, como parte da sua campanha de contra-insurreição, ao combater os rebeldes Huk das Filipinas, Lansdale começou conduzindo uma pesquisa sobre superstições locais, o que ele explorou em uma guerra psicológica: “Uma operação de guerra psicológica que toca no medo popular de um vampiro... Quando uma patrulha Huk vinha pela trilha, os responsáveis pela emboscada silenciosamente agarraram o último homem da patrulha... Eles perfuraram o seu pescoço com dois buracos, como um vampiro, penduraram o corpo pelos calcanhares, drenaram o sangue e colocaram o cadáver de volta na trilha. Quando os Huks voltaram para procurar pelo homem desaparecido e encontraram o seu companheiro sem sangue, todos os membros da patru-

lha acreditaram que o vampiro o atacara e que um deles seria o próximo... Na manhã seguinte, todo o esquadrão Huk saíra da vizinhança”. Lansdale observou que tais táticas eram “extraordinariamente efetivas”.⁵⁹

Durante a Rebelião Huk, o verdadeiro especialista de guerra de guerrilha era o Capitão Charles Bohannon, quem, posteriormente, foi o co-autor de um dos melhores estudos sobre contra-insurreição prática, *Counter-Guerrilla Operations, The Philippine Experience* (Operações de Contra-guerrilha, A Experiência Filipina).⁶⁰ Bohannon lutou como guerrilheiro antijaponês na Nova Guiné e nas Filipinas durante a II Guerra Mundial. Após a guerra, ele permaneceu nas Filipinas como um oficial de contra-inteligência do Exército e foi naturalmente escolhido para a equipe quando Lansdale retornou às Filipinas em 1950. Bohannon continuou a trabalhar com Lansdale no Vietnã (e aparentemente no Laos) nos anos 50 e 60, como subcomandante da secreta “Missão Militar de Saigon” que Lansdale chefiou.⁶¹ Provavelmente Bohannon também foi o planejador militar para a Baía dos Porcos.⁶²

Bohannon, que completara um trabalho de graduação avançada em antropologia,⁶³ era um forte defensor do conhecimento cultural local e da “imersão total” durante treinamentos e operações. Ele estava particularmente interessado em “operações que objetivavam influenciar

o modo de pensar das pessoas”.⁶⁴ Em 1959, por exemplo, Bohannan foi membro da “equipe de pesquisa” secreta dos EUA enviada à Colômbia em 1959, para avaliar a insurreição e fornecer um plano para o ação dos Estados Unidos. Como todo antropólogo que conduz trabalho de campo, a equipe viajou mais de 23.000 quilômetros, entrevistou mais de 2.000 funcionários, civis e líderes de guerrilhas. Seu relatório de três volumes revisava a história da violência e das condições sócio-econômicas subjacentes, e recomendava reformas sociais, civis e militares para os governos da Colômbia e dos Estados Unidos.⁶⁵

Bohannan também acreditava no uso de mínima força na contra-insurreição.⁶⁶ Em um inédito ensaio sobre o Vietnã em 1964, Bohannan opõe-se aos métodos totalitaristas de contra-insurreição: “prisões em massa, buscas em grande escala e outros métodos aparentemente fáceis de ‘controle da população’ podem apenas fortalecer a oposição ao governo”. Ele considerou esses métodos potencialmente contraproducentes. A força esmagadora, segundo Lansdale, simplesmente não era eficaz no combate à insurreição: “somente governos ousadamente totalitários, comunistas ou colonialistas, com recursos relativamente ilimitados, podem seriamente pensar ou tentar matar ou capturar a maioria dos insurgentes e de seus apoiadores”.

O mentor de Bohannan, Rufus Phillips (um ex-agente secreto da CIA que, mais tarde, chefiou a Seção de Assuntos Rurais da Agência Norte-americana para Missão de Desenvolvimento Internacional no Vietnã) também observou num memorando de 1964 que as Forças Armadas norte-americanas estavam atadas a um “modo de pensar militar convencional”: O comando norte-americano não seguia nem o estilo britânico voltado para um objetivo político— apesar das medidas abusivas usadas para alcançá-lo — nem por nenhum interesse específico do lado não-militar da contra-insurreição norte-americana. Ele observou: “todo mundo fala sobre ação civil e guerra psicológica, porém elas são pouca enfatizadas pelo comando e não são compreendidas. A ênfase principal continua sendo ‘matar vietcongues’...”⁶⁷

A Guerra do Vietnã

Apesar da autoridade de homens como Lansdale e Bohannan nos círculos militares e de políticas de alto nível durante a Guerra do Vietnã, os aspectos “emocionais” da contra-insurreição eram frequentemente superados pela preferência militar à força esmagadora. Os antropólogos, como Gerald Hickey que foi ao Vietnã como aluno graduado da *Chicago University* e permaneceu no decorrer da guerra como um pesquisador pela *RAND Corporation*, descobriram que seus profundos conhecimentos sobre o Vietnã (valiosos para contra-insurreição) eram frequentemente ignorados pelos militares

norte-americanos, que cada vez mais adotavam uma abordagem de guerra convencional à medida que o conflito progredia. A carreira de Hickey levantou diversas questões que até hoje atormentam a pesquisa antropológica num contexto militar, tais como a política de pesquisa dentro da via circular, a falta de habilidade em modificar políticas contraproducentes e a maledicência de outros antropólogos hostis à iniciativa militar.

Hickey, que escreveu *Village in Vietnam* (Povoado no Vietnã), uma etnografia clássica de um povoado de planície do Vietnã do Sul⁶⁸, foi recrutado pela *RAND* em 1961 para produzir um estudo fundado pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançados (posteriormente DARPA) no recentemente estabelecido Programa Estratégico de Povoado, que procurava consolidar a autoridade governamental em áreas pacificadas através de um sistema de defesa e uma reorganização administrativa no nível do povoado. A maneira que as tribos das montanhas poderiam ser encorajadas a apoiarem o governo de Saigon era essencial ao estudo.

A pesquisa de Hickey afirmava que os povoados estratégicos poderiam prosperar se os fazendeiros vissem evidências de que seu trabalho comunitário e a contribuição de tempo, terra e materiais de construção resultariam em segurança física e econômica. Embora as observações de Hickey fossem provavelmente corretas, suas opiniões eram frequentemente rejeitadas por serem muito pacifistas. Quando Hickey relatou seus conhecimentos para o General Victor Krulak, do Corpo de Fuzileiros Navais, este lhe respondeu: “nós faremos os camponeses realizarem o que for necessário para que os povoados estratégicos prosperem!” Como Hickey observou, os camponeses possuem muitos métodos de resistência passiva e ativa e o uso da força é frequentemente contraproducente como um motivador. Descontente com os resultados do estudo, o Pentágono pressionou a *RAND* a modificá-los e, por interesse da pesquisa imparcial, a *RAND* recusou-se. No fim das contas, nenhuma das descobertas de Hickey foi implementada e o programa estratégico de povoado foi um fracasso.⁶⁹

Em 1964, ocorreu uma importante insurreição dos grupos tribais das montanhas Montagnard, sob a bandeira de *FULRO* (A Frente Unida pela Luta das Raças Oprimidas). Embora os Montagnards tenham se aliado aos Estados Unidos contra o norte comunista e sido abastecidos (e lutado ao lado) das tropas norte-americanas, os Montagnards opuseram-se violentamente aos esforços do governo sul-vietnamita para controlar sua região e assimilar a população.

Devido ao fato de as montanhas centrais terem importância estratégica e incluírem a Trilha Ho Chi Minh, a principal rota de infiltração e abastecimento para os vietnamitas do Norte, as relações com os revoltosos eram um imperativo importante tanto para os militares



Departamento de Defesa

Uma menina afegã entrega sua irmã pequena para um oficial dos EUA para que seja examinada durante uma ação cívico-social (apoio médico e dentário) na Vila de Najov no Afeganistão. (22 de abril de 2004)

quanto para o governo de Saigon. Hickey, que trabalhou de perto com os Montagnards por vários anos, assessorou o General Westmoreland, o comandante mais antigo das forças americanas no Vietnã, sobre as razões para o aumento de etnonacionalismo entre as tribos e como arcar com a revolta. Hickey também obteve sucesso como um intermediário entre líderes das montanhas, o governo norte-americano e o governo de Saigon.⁷⁰

À medida que a guerra arrastava-se, Hickey ficava crescentemente frustrado com a estratégia militar norte-americana executada por oficiais, como o General Depuy, que acreditava que uma guerra de atrito derrotaria os comunistas. As visões de Hickey eram que a guerra do Vietnã era uma luta política que poderia ser resolvida apenas em termos políticos e não através da pura força militar. Como antropólogo, Hickey reconhecia que elementos da própria cultura vietnamita poderiam ser usados para promover a paz entre partidos políticos nacionalistas, grupos religiosos e minorias existentes — nenhum desses querendo estar sob regras comunistas.

Num extraordinário ensaio para a *RAND*, *Accommodation in South Vietnam: the Key to Sociopolitical Solidarity* (Acomodação no Vietnã do Sul: a Chave para a Solidariedade Sócio-política), Hickey explorou o conceito cultural vietnamita natural de acomodação. Enquanto que as raízes taoístas do sistema de valores vietnamitas enfatizavam o individualismo, na visão global vietnamita, a acomodação era também necessária para restaurar a harmonia com o universo. Em Washington, as visões de

Hickey sobre acomodação eram tratadas como heresia. Em 1967, ao final de uma exposição de Hickey para uma platéia do Pentágono, Richard Holbrooke disse, “o que você está dizendo, Gerry, é que nós não obteremos a vitória militar no Vietnã”.⁷¹ Por não estar alinhada com a visão prevalecente, a mensagem de Hickey foi prontamente desconsiderada. Apesar da improbabilidade da vitória militar, para os líderes norte-americanos “acomodação” significava “ceder”, e essa não era uma alternativa aceitável. No fim, a solução norte-americana para o conflito foi força esmagadora na forma de bombardeios estratégicos e a Campanha de Pacificação Acelerada, nenhuma das duas resultando em vitória.

Por seus “estudos etnográficos”, “as contribuições para o aperfeiçoamento da Relação de Contrapartida Conselheiro/ Vietnamita” e “a presença e o conselho durante períodos de ataque por Forças de Vietcongues e insurreições Montagnard”, Hickey foi condecorado com a medalha de Distinção em Serviço Público pelo Secretário de Defesa Robert McNamara. Apesar da medalha (ou talvez por causa dela), Hickey não conseguiu um emprego acadêmico quando regressou aos Estados Unidos. Também lhe foi negado uma função na *Chicago University* pelos seus colegas antropólogos que desaprovavam sua associação à *RAND*. Identicamente, Hickey ainda foi forçado a sair da *RAND*, a qual não possuía mais nenhum interesse em contra-insurreição. Seguindo a deliberação do Estado-Maior Combinada, a *RAND* não mais realizaria pesquisas sobre guerra não convencio-

nal, no entanto voltaria sua atenção para “problemas de longo alcance de guerra tática limitada e dissuasão sob a Doutrina Nixon”.⁷²

O Projeto Camelot

Ao depor diante do Congresso dos Estados Unidos em 1965, Dr. R.L. Sproul, diretor da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa disse: Nossa principal tese é de que a guerra em área remota seja controlada principalmente pelo ambiente no qual a guerra ocorre, pelas características sociológicas e antropológicas do povo envolvido na guerra e pela natureza do conflito em si.⁷³

O reconhecimento pelo Departamento de Defesa de que os esforços de pesquisa e desenvolvimento para apoiarem as operações de contra-insurreição devem ser orientados para a população local levou ao estabe-

Anna Simons, uma antropóloga que ensina na Naval Postgraduate School (Escola Naval de Pós-graduação), ressalta: “se os antropólogos se recusarem a cooperar, então a quem as Forças Armadas, a CIA e outras agências irão recorrer para obter informações? Elas recorrerão a pessoas que lhes fornecerão o tipo de informações que faria qualquer antropólogo arrancar os cabelos, pois as informações não serão nem de perto ligadas ao que está acontecendo no cenário local”.

lecimento do Departamento de Pesquisa de Operações Especiais na *American University* em Washington D.C.. Contando com antropólogos e outros cientistas sociais, o Departamento de Pesquisa de Operações Especiais funcionava como um centro de pesquisa da dimensão humana da contra-insurreição.⁷⁴ Vários dos seus relatórios tiveram abordagem inédita e excelente. Em 1964, o Exército dos Estados Unidos autorizou o lançamento de um ensaio incomum, intitulado *Witchcraft, Sorcery, Magic, and Other Psychological Phenomena, and Their Implications on Military and Paramilitary Operations in the Congo* (Bruxaria, Feitiçaria, Magia e outros Fenômenos Psicológicos e suas Implicações em Operações Militares e Paramilitares no Congo). Com a autoria de James R. Price e Paul Jureidini, tal relatório é um tratado sobre combate paranormal, que discute táticas de “contra-magia” para eliminar rebeldes apoiados por médicos bruxos, feitiços e poções mágicas.⁷⁵

Em 1964, o Departamento de Pesquisa de Operações Especiais também desenvolveu o infame Projeto *Came-*

lot. Segundo uma carta do Gabinete do Diretor do Departamento de Pesquisa de Operações Especiais, o Projeto *Camelot* era “um estudo para determinar a viabilidade do desenvolvimento de um modelo de sistemas sociais gerais que tornasse possível prever e influenciar aspectos politicamente significativos da mudança social nas nações em desenvolvimento”. Seus objetivos eram “criar normas de avaliação do potencial para a guerra interna nas sociedades nacionais”; “identificar, com crescentes graus de confiança, as ações que um governo possa vir a tomar para auxiliar as condições avaliadas que aumentam o potencial para guerra interna”; e “analisar a viabilidade da prescrição de características de um sistema para obter e usar as informações básicas necessárias para se executar os dois objetivos acima”.

O Projeto *Camelot* teve início numa época durante a qual as forças armadas consideravam seriamente a contra-insurreição como uma área de competência, claramente reconhecendo a demanda por visões internas das ciências sociais. Segundo a carta do diretor: “No Exército há uma aceitação formada da necessidade de aperfeiçoar a compreensão geral dos processos de mudança social se o Exército tiver que cumprir as suas responsabilidades no programa geral de contra-insurreição do governo dos Estados Unidos”.⁷⁶

O Chile seria o primeiro estudo de caso para o Projeto *Camelot*. Um sociólogo norueguês, Johan Galtung, foi convidado a desenvolver um seminário para o projeto. Embora tenha recusado, Johan compartilhou informações sobre o projeto com colegas. Ao mesmo tempo, Hugo Nuttini, quem ensinou antropologia na *University of Pittsburgh*, aceitou uma missão para o projeto no Chile. Enquanto esteve no Chile, Hugo ocultou a origem militar do Projeto *Camelot*, mas as informações vazaram. Protestos em jornais e legislatura do Chile surgiram e o governo chileno apresentou protesto diplomático ao embaixador norte-americano. Em Washington, após audiências do Congresso sobre o assunto, o Secretário de Defesa Robert McNamara cancelou o Projeto *Camelot* em 1965.⁷⁷

O Escândalo Tailandês

Logo após o escândalo do Projeto *Camelot*, o tema de uma pesquisa clandestina veio à tona novamente na Tailândia. Em março de 1970, documentos que pareciam comprometer cientistas sociais nos programas de contra-insurreição norte-americanos na Tailândia foram roubados dos arquivos de um professor de uma universidade. Por sua vez, os documentos foram entregues ao Comitê de Mobilização Estudantil para o Fim da Guerra no Vietnã e posteriormente publicado em *The Student Mobilizer* (Mobilizador Estudantil). Diversos antropólogos e outros cientistas sociais estariam supostamente recolhendo dados para os Departamentos de Defesa e o governo Real Tailandês, a fim

de apoiar o programa de contra-insurreição que usaria auxílio do desenvolvimento para encorajar povoados tribais a permanecerem leais ao governo tailandês, em vez de se aliarem aos insurgentes. Apesar de os antropólogos terem alegado que estariam usando suas experiências para prevenir que os povoados tailandeses fossem prejudicados, debates acalorados foram realizados dentro do Comitê da Associação Antropológica Norte-americana sobre Ética.⁷⁸

Como resultado do Projeto *Camelot* e do escândalo tailandês, o fundo governamental e o uso de pesquisa científica social tornaram-se suspeitos. Os antropólogos temiam que, se tal pesquisa continuasse, o povo nativo estudado por eles suspeitaria que eles eram todos espíões, fechando, assim, oportunidades de campo no exterior. Muitos antropólogos também acreditavam que as informações seriam usadas para controlar, escravizar e até mesmo aniquilar muitas das comunidades que estavam sendo estudadas. Como resultados desses debates, ficou estabelecido que não é eticamente aceitável que antropólogos dêem esclarecimentos secretos. A atual Declaração de Responsabilidade Profissional da Associação Antropológica Norte-Americana afirma que “Antropólogos não deveriam realizar pesquisas secretas, nem pesquisas cujos resultados não pudessem ser livremente obtidos e publicamente noticiados... Nenhuma pesquisa secreta, nenhum relatório ou interrogatório secretos de nenhum tipo deveria ser aceito ou dado”.⁷⁹ Essas diretrizes refletem uma visão difundida entre antropólogos de que qualquer pesquisa realizada para as forças armadas é de fato maléfica e eticamente inadmissível.

Os Perigos do Conhecimento Incompleto

O Departamento de Defesa anseia por conhecimento cultural, entretanto os antropólogos, atados ao seu próprio código de ética e atolados num lamaçal de pós-modernismo, não estão inclinados a contribuir para a reformulação de política e prática da segurança nacional. Ainda assim, se os antropólogos permanecerem desengajados, quem mais poderá fornecer o relevante conteúdo especializado? Anna Simons, uma antropóloga que ensina na *Naval Postgraduate School* (Escola Naval de Pós-graduação), ressalta: “se os antropólogos se recusarem a cooperar, então a quem as Forças Armadas, a CIA e outras agências irão recorrer para obter informações? Elas recorrerão a pessoas que lhes fornecerão o tipo de informações que faria qualquer antropólogo arrancar os cabelos, pois as informações não serão nem de perto ligadas ao que está acontecendo no cenário local”.⁸⁰

Independentemente de os antropólogos decidirem entrar na arena da segurança nacional, a informações culturais servirão inevitavelmente de base para as ope-

rações militares e dos órgãos de segurança pública. E se os antropólogos recusarem-se a contribuir, que confiabilidade essas informações terão? O resultado de se usar antropologia “ruim” e incompleta é invariavelmente operações e políticas fracassadas. Em maio de 2004, por exemplo, o artigo de Seymour Hersh “The Gray Zone: How a Secret Pentagon Program Came to Abu Ghraib” (A Zona Cinza: Como um Programa Secreto do Pentágono chegou a Abu Ghraib) apareceu no *New Yorker*. Hersh observou que *The Arab Mind* (A Mente Árabe), um estudo sobre cultura e psicologia árabes, publicado pela primeira vez em 1973, pelo antropólogo Raphael Patai,

Para vencer a insurreição no Iraque, os Estados Unidos e as Forças da Coalizão devem reconhecer e explorar a estrutura tribal fundamental do país, o poder exercido pelas autoridades tradicionais, o uso do Islã como uma ideologia política, o conflito de interesses entre xiitas, sunitas e curdos, os efeitos psicológicos do totalitarismo e a divisão entre urbano e rural, dentre outros fatores.

era a base do entendimento militar das vulnerabilidades psicológicas dos árabes, particularmente de vergonha e humilhação sexuais.

Patai afirma que: “A segregação dos sexos, o velamento das mulheres... e todas as outras regras detalhadas que regulam e restringem o contato entre homens e mulheres têm o efeito de fazer do sexo a preocupação mental principal no mundo árabe”... Aparentemente, o objetivo de fotografar a humilhação sexual era chantagear as vítimas iraquianas para que se tornassem informantes contra a insurreição. Acreditava-se que os homens iraquianos fariam quase qualquer coisa para impedir a disseminação das fotos para seus familiares e amigos.⁸¹

Como ressaltado por Bernard Brodie a respeito da derrota do Exército Francês em 1914, “Essa não foi a primeira nem a última vez que a antropologia ruim contribui para a estratégia ruim”.⁸² O uso de humilhação sexual para chantagear homens iraquianos para se tornarem informantes não poderia nunca ter funcionado como estratégia, pois ela destrói a honra. E para os iraquianos, a perda da honra exige sua restauração através do derramamento de sangue. Este conceito é bem desenvolvido na cultura iraquiana, e há até uma palavra específica para isso: *al-sharaf*, que significa lavar a honra.⁸³ O suposto uso do livro de Patai como base do suplício psicológico em Abu Ghraib, destituído de qualquer entendimento do mais amplo contexto da cultura iraquiana, demonstra a insensatez do uso de cultura descontextualizada como base de política.

O êxito na contra-insurreição depende de se alcançar

um entendimento holístico total da cultura local. Essa compreensão cultural deve ser completa e profunda, se for para ter algum benefício prático. Esse fato não está perdido no Exército dos Estados Unidos. No dizer do Manual de Campanha (*FMI*) do Exército dos EUA (anteprojeto) 3-07.22, parágrafo 4-11: “O centro de gravidade das operações de contra-insurreição é a população. Assim, compreender a sociedade local e obter o seu apoio torna-se crítico para o sucesso. Para que as forças norte-americanas operem efetivamente entre uma população local e conquiste e mantenha o seu apoio, é importante desenvolver um entendimento completo da sociedade e sua cultura, para incluir sua história, sua estrutura tribal, familiar e social, seu valores, sua religião, seus costumes e suas necessidades”.⁸⁴

Para vencer a insurreição no Iraque, os Estados Unidos e as Forças da Coalizão devem reconhecer e explorar a

estrutura tribal fundamental do país, o poder exercido pelas autoridades tradicionais, o uso do Islã como uma ideologia política, o conflito de interesses entre xiitas, sunitas e curdos, os efeitos psicológicos do totalitarismo e a divisão entre urbano e rural, dentre outros fatores. O citado manual de campanha continua no parágrafo 4-13: “Compreender e trabalhar dentro da estrutura social de uma área local é inicialmente o fator de maior influência na condução das operações de contra-insurreição. Infelizmente, este é freqüentemente o fator mais negligenciado pelas forças norte-americanas”. E infelizmente, as forças norte-americanas são totalmente negligenciadas por antropólogos cuja assistência é urgentemente requisitada em época de guerra. Apesar de as aplicações militares do conhecimento cultural talvez serem repugnantes para antropólogos eticamente inclinados, a sua assistência é necessária. **MR**

Referências

1. Robert H. Scales Jr., “Culture-Centric Warfare” *Proceedings*, outubro de 2004.
2. Megan Scully, “Social Intel, New Tool for U.S. Military”, *Defense News*, abril de 2004, p. 21.
3. QG, Ministério do Exército, *Field Manual* (Manual de Campanha [anteprojeto]) 3-07.22, *Counterinsurgency Operations*, Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 1º de outubro de 2004, seção 1-1.
4. David Charters, “From Palestine to Northern Ireland: British Adaptation to Low-Intensity Operations” D. Charters and M. Tugwell, editores., *Armies in Low-Intensity Conflict: A Comparative Analysis*, Londres: Brassey’s Defence Publishers, 1989, p. 195.
5. Leonard Wong, *Developing Adaptive Leaders: the Crucible Experience of Operation Iraqi Freedom*, Carlisle Barracks, PA: Strategic Studies Institute (Instituto de Estudos Estratégicos), julho de 2004, p. 14.
6. General (Res) Robert Scales, USA “Army Transformation: Implications for the Future” Depoimento diante do Comitê dos Serviços Armados do Congresso em 15 de julho de 2004.
7. Roberta Wohlstetter, *Pearl Harbor: Warning and Decision*, Stanford: Stanford University, 1962.
8. Jeffrey Goldberg, “The Unknown: The C.I.A. and the Pentagon take another look at Al Qaeda and Iraq”, *The New Yorker*, 10/02/2003. Endereço eletrônico <http://www.newyorker.com/fact/content/?030210fa_fact>.
9. Para discussão, veja Max Boot, *The Savage Wars of Peace: Small Wars and the Rise of American Power*, New York: Basic Books, 2003.
10. Caspar W. Weinberger, “The Uses of Military Power” (O Uso do Poder Militar), discurso no Clube Nacional de Imprensa, Washington, D.C., 28/11/1984.
11. Jeffrey Record, “Weinberger-Powell Doctrine Doesn’t Cut It”, *Proceedings*, outubro de 2000.
12. A Doutrina Powell também “traduz-se numa relutância poderosa em travar um combate decisivo, ou em igualar o combate de risco, e uma excessiva ênfase em cada nível de comando de proteção de força”. Stan Goff, “Full-Spectrum Entropy: Special Operations in a Special Period” *Freedom Road Magazine*. Endereço eletrônico <http://www.freedomroad.org/fr/03/english/07_entropy.html>
13. 10 U.S.C. (2004). Endereço eletrônico <<http://www.access.gpo.gov/uscode/title10/title10.html>>.
14. Os Regulamentos do Serviço de Campanha de 1923 postula que o objetivo final de toda operação militar é a destruição das forças armadas inimigas e que resultados decisivos apenas são obtidos com ação ofensiva. Os Regulamentos declaram que o Exército deve estar preparado para combater um “oponente organizado para a guerra com princípios modernos e equipado com todos os meios da guerra moderna...”. A preferência pelo uso de força ofensiva é encontrada sucessivamente em Operações de pensamentos militares norte-americanos: “A doutrina trata o combate como o principal foco do Exército e reconhece que a habilidade das forças do Exército em dominar o combate terrestre também fornece a habilidade em dominar qualquer situação em operações militares que não sejam de guerra”. Richard Darilek e David Johnson, “Occupation of Hostile Territory: History, Theory, Doctrine, Past and Future Practice” (Ocupação de Território Inimigo: História, Teoria, Doutrina, Práticas Passadas e Futuras), apresentação em conferência Future Warfare Seminar V (Seminário de Guerra Futura V), Carlisle PA, 18/01/2005.
15. Peter Grier, “Should US Fight War in Bosnia? Question Opens an Old Debate” *Christian Science Monitor*, 14/09/1992, p. 9.
16. Para uma discussão completa dos princípios britânicos de contra-insurreição, consulte Thomas Mockaitis, *British Counterinsurgency, 1919-1960*, New York: St. Martin’s Press, 1990; Ian Becket e John Pimlott, editores, *Armed Forces and Modern Counterinsurgency*, Londres: Croom Helm, 1985.
17. Escritório do deputado Ike Skelton (D-MO), Press Release: “Skelton Urges Rumsfeld to Improve Cultural Awareness Training”, 23/10/2003. Endereço eletrônico <<http://www.house.gov/skelton/pr031023.htm>>
18. Jeremy Feller, “Marshall: U.S. needs To Sustain Long-Distance Power Projection”, *Inside the Pentagon*, 04/03/2004, p. 15.
19. A. L. Kroeber, “The History of The Personality of Anthropology”, *American Anthropologist*, vol. 61, 1959.
20. Kathleen Gough, “Anthropology: Child of Imperialism”, *Monthly Review*, vol. 19, nº 11, abril de 1968; Dell Hymes, editor, *Reinventing Anthropology*, New York: Random House, 1972; Talal Asad, editor, *Anthropology and the Colonial Encounter* (Antropologia e o Encontro Colonial), Londres: Ithaca Press, 1973.
21. Gayatri Chakravorty Spivak “Can the Subaltern Speak?”, em Cary Nelson e Larry Grossberg, editores, *Marxism and the Interpretation of Culture*, Chicago: University of Illinois Press, 1988.
22. Dill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin, editores, *The Post-Colonial Studies Reader*, Londres: Routledge, 1995, p. 117.
23. Pazderic Nickola, “Recovering True Selves in the Electro-Spiritual of Universal Love”, *Cultural Anthropology*, vol. 19, nº 2, 2003; Priti Ramamurthy, “Material Consumers, Fabricating Subjects: Perplexity, Global Connectivity Discourses, and Transnational Feminist Research”, *Cultural Anthropology*, vol. 18, nº 4, 2003.
24. Patrocinado por *The Journal of Philosophy and Literature* (Revista de Filosofia e Literatura), infelizmente extinta.
25. Stephen A. Tyler, “Post-modern Ethnography: From Document of the Occult to Occult Document”, James Clifford e George E. Marcus editores, *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*, Berkeley: University of California Press, 1986, pp. 122-140.
26. Stephan Feuchtwang, “The Discipline and its Sponsors”, In Talal Asad, editor, *Anthropology and the Colonial Encounter*, Londres: Ithaca Press, 1973, p. 82.
27. Bronislaw Malinowski, “Practical Anthropology”, *África*, vol. 2, 1929, pp. 22-23.
28. Stephan Feuchtwang, “The Discipline and its Sponsors”, em Talal Asad, editor, *Anthropology and the Colonial Encounter*, Londres: Ithaca Press, 1973, p. 84.
29. Stephan Feuchtwang, “The Discipline and its Sponsors”, In Talal Asad, editor, *Anthropology and the Colonial Encounter*, Londres: Ithaca Press, 1973, p. 85.
30. P. E. Mitchell, “Review of Native Administration in the British Territories in Africa”, *Journal of Africa Administration*, vol. 3, 1951, pp. 56-57.
31. Charles H. Harris e Louis R. Sadler, *The Archaeologist was a Spy: Sylvanus*

G. Morley and the Office of Naval Intelligence, Albuquerque: University of New Mexico Press, 2003.

32. Franz Boas, "Scientists as Spies", *The Nation*, vol. 109, 20/12/1919, p. 797.

33. Carleton Coon, *A North Africa Story: The Anthropologist as OSS Agent 1941-1943*. Ipswich, MA: Gambit, 1980.

34. Chris Bunting, "1 Spy with my Science Eye", *Times Higher Education Supplement*, 12/04/2002.

35. Redatores, "Obituary: Cora DuBois", *Chicago Tribune*, 14/04/1991; E. Bruce Reynolds, Thailand's Secret War: The Free Thai, OSS, and SOE during World War II, Cambridge University Press, 2005.

36. Gregory Bateson, *Naven*, Stanford: Stanford University Press, 1936.

37. Carleton Mabee, "Margaret Mead and Behavioral Scientist in World War II: Problems in Responsibility, Truth, and Effectiveness", *Journal of the History of Behavioral Sciences*, vol. 23, nº 1, 23/01/1987, p. 7.

38. David H. Price, "Gregory Bateson and the OSS: World War II and Bateson's assessment of Applied Anthropology". *Human Organization*, vol. 57, nº 4, Winter 1998, pp. 379-384.

39. Arthur B. Darling, *The Birth of Central Intelligence*, Sherman Kent Center for the Study of Intelligence, Endereço eletrônico <http://www.cia.gov/csi/kent_csi/docs/v1012a01p_0001.htm>

40. Teorias de Conspiração a respeito do envolvimento de Bateson com *MK-Ultra*. Veja, por exemplo, Colin A. Ross, *Bluebird: Deliberate Creation of Multiple Personality by Psychiatrists*, Richardson, TX: Manitou Communications, 200; veja também <<http://www.phinnweb.com/livingroom/rosemary/>>

41. John Marks, *The Search for the Manchurian Candidate*, New York: New York Times Books, 1979. Bateson inventou a teoria de esquizofrenia "Double Bind". Consulte Gregory Bateson, "Cultural problems posed by a study of schizophrenic process", In A. Auerback, editor, *Schizophrenia, an Integrated Approach*, New York: Ronald Press, 1959.

42. Consulte Margaret Mead e Gregory Bateson, *Balinese Character: A Photographic Analysis*, New York: New York Academy of Sciences Press, 1942.

43. Margaret Mead, "Anthropological Contributions to National Policies during and Immediately after World War II", In Walter Goldschmidt, editor, *The Uses of Anthropology*, Washington, DC: American Anthropological Association (Associação Americana de Antropologia), 1979, pp. 145-157.

44. Carleton Mabee, "Margaret Mead and Behavioral Scientist in World War II: Problems in Responsibility, Truth, and Effectiveness", *Journal of the History of Behavioral Sciences*, vol. 23, nº 1, 23/01/1987, p. 8.

45. Carleton Mabee, "Margaret Mead and Behavioral Scientist in World War II: Problems in Responsibility, Truth, and Effectiveness", *Journal of the History of Behavioral Sciences*, vol. 23, nº 1, 23/01/1987, p. 8.

46. Margaret Mead and Behavioral Scientist in World War II: Problems in Responsibility, Truth, and Effectiveness, *Journal of the History of Behavioral Sciences*, vol. 23, nº 1, 23/01/1987, p. 5.

47. Margaret Mead, *And Keep Your Powder Dry: An Anthropologist Looks at America*, New York: Morrow, 1942.

48. William O. Beeman, "Postscript to September 11 – What would Margaret Mead Say?", *The Institute for Intercultural Studies*. Endereço eletrônico <<http://www.mead2001.org/beeman.html>>

49. Linda Rapp, "Benedict, Ruth (188701948)", *GLBTQ: An Encyclopedia of Gay, Lesbian, Bisexual, Transgender, and Queer Culture*, Chicago: glbtq, Inc., 2004.

50. Cora Sol Goldstein, "Ideological Constraints And The American Response To Soviet Propaganda In Europe: The Case Of Race", ensaio para conferência, Conferência de Europeanists, Chicago, IL, março de 2004.

51. Davi Price, "Lessons From Second World War Anthropology: Peripheral, Persuasive and Ignored Contributions", *Anthropology Today*, vol. 18, nº 3, junho de 2002, p. 18. XXX

52. Ruth Benedict, *The Chrysanthemum and the Sword: Patterns of Japanese Culture*, New York: Houghton Mifflin, 1946.

53. William O. Beeman, "Introduction: Margaret Mead, Cultural Studies, and International Understanding", In Margaret Mead e Rhoda Métraux, editores, *The Study of Culture at a Distance*, New York: Berghahn Books, 2000.

54. Geoffrey Gorer e John Rickman, *The People of Great Russia*, Londres: Grosset, 1949.

55. Robert A. LeVine, "Culture and Personality Studies, 1918-1960: Myth and History", *Journal of Personality*, vol. 69, 6ª edição, dezembro de 2001.

56. Peter Kross, "JFK's Early Indecisions", *Vietnam Magazine*, fevereiro de 2005. Endereço eletrônico <<http://historynet.com/vn/bltaylormission/index.html>>

57. H. Bruce Franklin, "By the Bombs' Early Light; Or, The Quiet American's War on Terror", *The Nation*, 03/02/2003. Endereço eletrônico <<http://andromeda.rutgers.edu/~hbfi/QUIETAM.htm>>

58. Michael McClintock, *Instruments of Statecraft: U.S. Guerrilla Warfare, Counterinsurgency, and Counterterrorism, 1940-1990*, New York: Pantheon Books, 1992. Endereço eletrônico <<http://www.statecraft.org/chapter8.html>>

59. Michael McClintock, *Instruments of Statecraft: U.S. Guerrilla Warfare, Counterinsurgency, and Counterterrorism, 1940-1990*, New York: Pantheon Books, 1992. Endereço eletrônico <<http://www.statecraft.org/chapter4.html>>

60. Napoleon D. Valeriano e Charles T. R. Bohannon, *Counter-Guerrilla Operations, The Philippine Experience*, New York: Praeger, 1962.

61. Michael McClintock, *Instruments of Statecraft: U.S. Guerrilla Warfare, Counterinsurgency, and Counterterrorism, 1940-1990*, New York: Pantheon Books, 1992. Endereço eletrônico <<http://www.statecraft.org/chapter4.html>>

62. William Forneroy, *Guerrilla and Counter-guerrilla Warfare*, New York: International Publishers, 1964, p. 70. Michael McClintock, *Instruments of Statecraft: U.S. Guerrilla Warfare, Counterinsurgency, and Counterterrorism, 1940-1990*, New York: Pantheon Books, 1992. Endereço eletrônico <<http://www.statecraft.org/chapter5.html>>

63. John L. Cotter, "The Next Frontier of Anthropology", *American Anthropological Association Newsletter*, fevereiro de 1995.

64. C. T. A. Bohannon Major, USAR, "Unconventional Operations", Counter-Guerrilla Seminar (Seminário sobre Contraguerrilha), Fort Bragg, 15/06/1961. Endereço eletrônico <<http://www.icdc.com/~paulwolf/columbia/hukcampana15june1961V.htm>>

65. Michael Lopez, "The U.S. and its Responsibility for Counter-insurgency Operations in Colombia", *Colombia Bulletin*, Summer, 1998. Endereço eletrônico <<http://www.icdc.com/~paulwolf/columbia/lopez.htm>>

66. Michael McClintock, *Instruments of Statecraft: U.S. Guerrilla Warfare, Counterinsurgency, and Counterterrorism, 1940-1990*, New York: Pantheon Books, 1992. Endereço eletrônico <<http://www.statecraft.org/chapter4.html>>

67. Michael McClintock, *Instruments of Statecraft: U.S. Guerrilla Warfare, Counterinsurgency, and Counterterrorism, 1940-1990*, New York: Pantheon Books, 1992. Endereço eletrônico <<http://www.statecraft.org/chapter11.html>>

68. Gerald C. Hickey, *Village in Vietnam*, New Haven: Yale University Press, 1964.

69. Gerald C. Hickey, *Window on a War: An Anthropologist in the Vietnam Conflict*, Lubbock: Texas Tech University Press, 2002, pp. 99-101.

70. Gerald C. Hickey, *Window on a War: An Anthropologist in the Vietnam Conflict*, Lubbock: Texas Tech University Press, 2002, pp. 149-182.

71. Gerald C. Hickey, *Window on a War: An Anthropologist in the Vietnam Conflict*, Lubbock: Texas Tech University Press, 2002, pp. 199-201.

72. Gerald C. Hickey, *Window on a War: An Anthropologist in the Vietnam Conflict*, Lubbock: Texas Tech University Press, 2002, p. 313.

73. Eric Wakin, *Anthropology Goes to War: Professional Ethics and Counterinsurgency in Thailand*, University of Wisconsin Press, 1992, p. 85.

74. Em geral, consulte Ron Robin, *The Making of the Cold War Enemy: Culture and Politics in the Military-Intellectual Complex*, Princeton: Princeton University Press, 2001.

75. James R. Price e Paul Jureidini, "Witchcraft, Sorcery, Magic, and Other Psychological Phenomena, and Their Implications on Military and Paramilitary Operations in the Congo". Special Operations Research Office, SORO/CINFAC/6-64, 08/08/1964. Endereço eletrônico <<http://www.parascope.com/articles/-297/congorpt.htm>>

76. Irving Louis Horowitz, editor, *The Rise and Fall of Project Camelot: Studies in the Relationship Between Social Science and Practical Politics*. Cambridge, MA: MIT Press, 1967, pp. 47-49.

77. Irving Louis Horowitz, editor, *The Rise and Fall of Project Camelot: Studies in the Relationship between Social Science and Practical Politics*. Cambridge, MA: MIT Press, 1967.

78. Eric R. Wolf e Joseph G. Jorgensen, "Anthropology on the Warpath in Thailand", *New York Review of Books*, 19/11/1970, pp. 26-35.

79. Conselho da Associação Antropológica Norte-Americana, "Statement on Ethics: Principles of Professional Responsibility" (Declaração sobre Ética: Princípios da Responsabilidade Profissional), Adotada em maio/1971 (Como emenda até novembro de 1986). Endereço eletrônico <<http://www.aaanet.org/stms/ethstmnt.htm>>

80. Renee Montagne, "Interview: Anna Simons and Catherine Lutz on the involvement of anthropologists in war", *NPR Morning Edition*, 14/08/2002.

81. Seymour M. Hersh, "The Gray Zone: How a Secret Pentagon Program Came to Abu Ghraib", *The New Yorker*, 24/05/2004.

82. Bernard Brodie, *Strategy in the Missile Age*, Princeton: Princeton University Press, 1959, p. 52.

83. Amatzia Baram, "Victory in Iraq, One Tribe at a Time", *New York Times*, 28/10/2003. Endereço eletrônico <<http://hnn.us/roundup/entries/2790.html>>

84. Quartel-sede, Departamento do Exército, Manual de Campanha (Anteprojeto) 3-07-22, *Counterinsurgency Operations*, Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 01/10/2004.

A Dra. Montgomery McFate é uma servidora da American Association para a Advancement of Science Defense Policy, lotada no escritório de Pesquisa Naval em Arlington, Virgínia. Ela possui os títulos de Bacharel pela University of California at Berkeley, de Mestre em Filosofia e Ph.D pela Yale University, e de Advogada pela Harvard Law School. Ela trabalhou anteriormente no Centro de Política de Inteligência da Rand Corporation.